

# O ato e o fato de ler

## The act and fact of reading

Hilma Ranauro\*

### RESUMO

Pouco se lê no Brasil. A leitura e hábito de poucos. A escolarização a alfabetização deixam a desejar. Houve época em as escolas publicas eram disputadas. Hoje, as particulares é que o são. O que resta aos mais pobres? Faltam-lhe escolarização e alfabetização. Consequência: um fosso entre educação e cultura. O povo hebreu (judeu) tem uma busca constante de informação, conhecimento e prosperidade. O estímulo à leitura ocorre desde cedo. O menino aos 13 anos e a menina aos 12 deverão ler a Torá na Sinagoga: *bar mitzvah* e *bat mitzvah*, respectivamente. Sefer Torá, manual de conduta dos judeus. Talmude: estudo com debates e questionamentos.

**Palavras - chave:** Baixa escolaridade e alfabetização no Brasil. Povo hebreu (judeu). Culto à educação, à informação e ao conhecimento. Sefer Torá, manual de conduta do judeu.

### ABSTRACT

In Brazil, reading is a habit for a few. Schooling and literacy leave much to be desired. There was a time when public schools were sought after. Today, private schools are the most sought-after. What is left for the poorest? They lack schooling and literacy—the consequence is a gap between education and culture. The Hebrew (Jewish) people are in constant search of information, knowledge, and prosperity. Reading is encouraged from an early age. At the age of 13, boys and the age of 12, girls must read the Torah in the Synagogue: *bar mitzvah* and *bat mitzvah*,

Recebido em 3 de março de 2025.

Aceito em 5 de abril de 2025.

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2025n69.1486>

\* Universidade Federal Fluminense, hilmaranauro@gmail.com, Orcid 0000-0003-2825-0602

respectively. Sefer Torah, the Jewish code of conduct. Talmud: study with debates and questions.

**Keywords:** Low education and literacy rates in Brazil. Hebrew (Jewish) people. Cult of education, information and knowledge. Sefer Torah, Jewish conduct manual.

## 1. O hábito de ler

A leitura em nosso país é hábito de poucos. As pessoas em geral preferem a informação miniaturizada. Estudos revelam, que não houve queda de leitura em nosso século. Nos países ditos desenvolvidos, a alfabetização em massa criou um público leitor cada vez maior. Infelizmente, isso não o corre no Brasil

De que adiantam campanhas de estímulo ao hábito de ler num país em que a grande maioria sequer tem acesso à escolarização, à alfabetização? Mesmo na residência das classes mais bem situadas economicamente, apesar da parafernália eletrônica de última geração, não são comumente encontrados livros em suas residências. Há exceções? Claro. Essas se destacam

E sobre o E-Book vir a substituir o livro? Alguém acredita nisso? Há quem defenda isso? Em quais situações? Caberia, cremos, convidar um defensor do E-Book e um escritor e/ou um Biliófilo. Há situações e situações. Leitores e leitores.

Ler menos é saber menos, não há o que discutir. É necessário que não se perca de vista a dimensão socioeconômica e política da leitura, que, é bom esclarecer, não deve ser atrelada, e mal atrelada no mais das vezes, aos limites da alfabetização ou um mero cumprimento de uma tarefa exigida pelo professor em todo o processo da Educação.

A leitura (não uma simples “lida”), o *processo de leitura*, porque é *um processo*, a ser orientado por todos os professores, não somente os de língua e literatura, mas principalmente eles, vai da palavra escrita às artes; das artes, aos sistemas sociais: causas e consequências deste ou daquele fato ocorrido/ ocorrendo no cotidiano, no Brasil (marco temporal para tribos indígenas,

por ex.), entre países. Isso naturalmente envolve professores de História, Geografia, etc.

Estimular os alunos à pesquisa em revistas, jornais, reportagens, noticiários de qualidade (rádio, TV, computador, revistas, jornais...) na busca do entendimento, da compreensão, levar ao debate, à discussão, ao levantamento de opiniões e análises.

Trazer reportagens, opiniões em debates sérios, não tendenciosos, estimulá-los a atentar para isso. Por menor que seja, isso induz à avaliação e não mera absorção do que é veiculado. Alertá-los, levá-los a atentar para o que pode estar embutido/subjacente ao que é informado, discutido, avaliado, na busca de estimulá-los ao desenvolvimento da consciência crítica o que compromete o indivíduo com o percurso em direção à cidadania.

Quanto ao fato de estarem o computador, a TV, o rádio, e bem mais o celular, o *tablet*, facilitando a aquisição de informação (muitas das vezes desinformação), nunca é demais dizer que o “conforto” por eles proporcionados leva à acomodação, sem contar que recebe-se a informação na versão única do veículo que a transmite, nas implicações e implicações neles embutidas.

Passa-se a “saber” o que querem que se saiba, no limite e na versão apresentados. Elimina-se, assim, a oportunidade (o risco, talvez se devesse dizer) da descoberta da verdade. Atrofia-se o espírito. Embota-se a razão.

A tecnologia (computador, *tablet*, celular) que deveria ampliar as possibilidades de novos conhecimentos e/ou à sua ampliação, levam, muitas e muitas vezes, ao vício, conseqüentemente, à alienação. Pessoas (crianças e jovens em geral) presas a joguinhos eletrônicos, a sites de relacionamentos, muitas vezes usados para lograr com falsos perfis e falsas fotos, e a facilidade de difundir notícias igualmente falsas os ditos *fake news*.

Há os confiáveis, não podemos negar, há que conferir. Quantos golpes ocorrem envolvendo dinheiro, envolvendo empresas que sequer existem? E quantos são enganados por esses golpes?

A falta de exercício do pensamento crítico, a ser estimulado e exercitado, recrudescer frente ao monologismo dos meios ditos de comunicação

de massa. “O ‘diálogo’ dos média é um diálogo entre um polvo e um mudo”, cabe dizer, lembrando Edgar Morin<sup>1</sup>.

É raciocínio por demais simplista, inocente ou tendencioso, atribuir à Escola (sempre ela, o bode expiatório) a origem dessa falta. É nela, ainda e apesar de tudo, que se tenta estimular esse raciocínio. Há que lembrar a tendência, em nosso país, à aprovação automática nas escolas públicas.

Há que lembrar também, e principalmente, o trabalho ingente (indigente, melhor seria dizer) de muitos dos que buscam, contra tudo e contra todos, fazer um trabalho sério. Sem contar que estamos deixando de receber os que se fariam professores por competência e vocação, perdendo-os para profissões “mais rendosas”. Apesar de tudo, restamos os sobreviventes, sabe Deus como

Mas a falta do hábito de ler é, principalmente, um problema cultural, já que todo um modo de vida se institui e se instala/instaura na não valorização do livro. Fosse ele de fácil aquisição, e não seria comprado. Quantas crianças crescem vendo seus pais lendo? Falamos, naturalmente, dos que podem adquiri-los.

A questão tem implicações de maior complexidade.

Ler exige reflexão e exclusividade de ação, o que propicia uma abordagem em profundidade, dando oportunidade a releitura(s). Não se tem no livro um produto acabado, mas em processo; não sucessões lineares de fatos, dados, momentos, argumentos, mas toda uma construção de sentidos que se vai processando a cada leitura, de acordo com cada leitor, em diferentes momentos e níveis.

Diante de texto, o leitor deve posicionar-se de maneira ativa, não mais a acomodação, mas a particip(ação). Após a leitura de um texto, nunca mais se é o mesmo, já disse alguém. Na realidade, o próprio texto deixa de ser o mesmo a cada leitura, mesmo que do mesmo leitor. Os que lemos, e mesmo os que produzimos textos, sabemos disso.

---

1 L'esprit du temps, Paris, Grasset, 1982.

Mesmo em países ditos desenvolvidos, um modelo hegemônico de base política e econômica transferiu a cultura como um todo para a esfera do lazer e da erudição, relacionando-o ao diletantismo, ao mero desfrute ou como algo por poucos alcançado, desfrutado.

As relações pessoais e interpessoais, formais e informais, estão sendo, em situações cada vez mais frequentes, substituídas pelo *facebook*, *instagram*, *whatsapp*, pelas tecnologias de informação e de comunicação.

O telefone, fixo ou celular, pode e deve ser usado para a comunicação. Até mesmo a facilita. O celular, por estar “à mão” (de fácil acesso), tornou-se vício, principalmente entre os jovens. Estão em grupo, o que é bom para conversar, para, como dizem alguns, um “papo reto”, para conhecer pessoas, “enturmar-se”, separa-os ou os une pelos joguinhos eletrônicos, disputados entre si ou, pior, isoladamente e/ou despersonalizando-os em seus avatares. Consequência: um fosso entre Educação e Cultura.

Que as Escolas (com letras maiúsculas, sim) retornem ao nível de antes. Hoje, as famílias que têm recursos matriculam os filhos nas Escolas Particulares.

Que os cursos de formação de professores voltem ao *status* da época em que o Professor (maiúscula aí também) era valorizado em termos sociais, culturais e financeiros. Ouvi de uma colega: “Filho nosso quer ser professor?”.

## **2. A alfabetização do povo hebreu (judeu)**

A reconhecida prosperidade do povo hebreu é resultado de sua alfabetização. Numa época em que até reis eram analfabetos, os hebreus (judeus), por sua fé, dedicavam-se, como sempre fizeram e fazem, à leitura de seus textos sagrados, reunidos na Torá (Lei) e são estimulados à busca constante de informação e conhecimento, e do aperfeiçoamento no que buscam profissionalizar-se. Mas não só. São estimulados, o que se torna hábito, a ler sobre tudo. Não significa fazer vários cursos, mas a ler sobre tudo.

Há, igualmente, a busca de aperfeiçoar-se. Não se aventuram a investir em algo: criar um negócio, uma empresa, etc. sem antes procurar informar-se, aprender. Na fase da revolução industrial, muitos foram para a América, onde, hoje, são grandes industriais. Estar no lugar certo no momento certo. É o que buscam.

## 2. O “segredo” da prosperidade dos judeus - Por Gilberto Dimenstein<sup>2</sup>

“Não há nenhum segredo dos judeus escondido na genética ou escolha divina. Só o óbvio: culto à Educação.”

Gilberto Dimenstein

Desde seu lançamento, em 1901, o Prêmio Nobel foi conferido a 700 personalidades - 140 deles judeus. É uma estatística que impressiona: os judeus são, hoje, um grupo de 16 milhões, num planeta habitado por quase 6 bilhões de pessoas.

Mas são responsáveis por boa parte das grandes novidades científicas do século. A lista tem vários consensos. *Karl Marx, Sigmund Freud e Albert Einstein*. Estão na companhia de *Lévi-Strauss*, criador da calça jeans, ou do cineasta *Steven Spielberg*.

Mais um consenso: *Abraão*, criador do conceito de monoteísmo, absorvido pelo islamismo, catolicismo e protestantismo. Num dos mais célebres símbolos de rebeldia, ele destruiu estátuas de “deuses” de seu pai, *Terá*.

---

2 Gilberto Dimenstein - Judeus e japoneses são mais inteligentes? Folha de São Paulo – Cotidiano. São Paulo, domingo, 24/4/2005///O segredo da riqueza dos judeus. In Folha de São Paulo – Mundo. São Paulo, domingo, 26 de janeiro de 1997. Fonte: Google.

3 Animal *kasher* (*casher*): casco fendido e ruminante: vaca, cabra, carneiro, bode, ovelha.

### 3. A Torá manual de conduta dos judeus

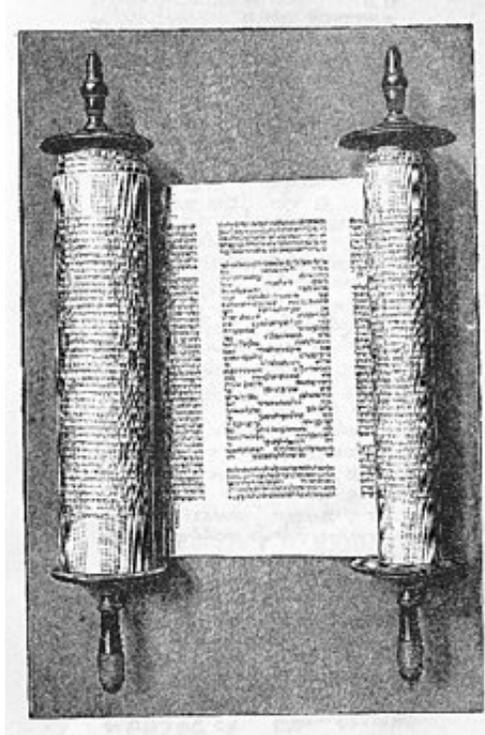
A Torá ou Bíblia Hebraica (Judaica) reúne os cinco primeiros livros da Bíblia Cristã reunidos no Antigo Testamento: o Pentateuco

Pentateuco é uma expressão grega que significa “cinco rolos” ou livros. Compreende, na Bíblia sagrada, os cinco primeiros livros do Antigo Testamento: *Gênesis* (origens), *Êxodo* (do Egito), *Levítico* (dos levitas, sacerdotes), *Números* (recenseamentos dos hebreus) e *Deuteronômio* (“segunda lei”).

A Torá reúne ensinamentos, instrução, leis, numa leitura que busca a instrução, não somente a memorização dessa ou daquela passagem, desse ou daquele fato. O mais alto ideal de jovens e velhos, de pequenos e grandes é o estudo da Lei, formando, assim, uma base para aquela indomável ansiedade do povo judeu pela educação e aquela sede insaciável de conhecimento que ainda os caracteriza.

Só pode ser escrita em pergaminho da pele de um animal *casher* (*kasher*)<sup>3</sup>: animal com casco fendido. O texto da Torá impresso (para rituais não litúrgicos) geralmente em forma de livro é conhecido como *Chumash*, geralmente acompanhado de comentários e traduções. Sua leitura é o mais importante ato público do ritual judaico.

## TORÁ



### 3.1 Os acessórios para um Rolo de Torá

Quando o Rolo de Torá é concluído (pergaminho escrito à mão), é adornado com numerosos acessórios, e, juntos, eles formam o Rolo de Tora. Os acessórios são: *O Atzei Chayim*: (Em hebraico, “Árvores da Vida; no singular – *Etz Chayim*) – são as duas hastes de madeiras presas em cada ponta do Rolo de Torá, ao redor dos quais é enrolado.

*Sefer Torá* é o conjunto que engloba os cinco livros de Moisés e é utilizado num dos importantes momentos da liturgia da sinagoga. Cada haste

é longa o suficiente para se estender além do topo e da parte inferior do Rolo, e é usada para segurar o *Sefer Torá* e para rolar de porção em porção.

### **3.2 A Torá não inclui o Novo Testamento**

A Torá, para os israelitas, ou Pentateuco, para os Cristãos Evangélicos e Católicos, constitui-se em apenas cinco livros. A divisão em versículo de São Jerônimo não costumava ser utilizada pelos judeus até meados do século XVII. Atualmente, as edições impressas (mesmo em hebraico) comumente utilizam a divisão em versículos para uma maior comodidade entre estudiosos e especialistas. Os judeus fazem uso do Velho Testamento e os cristãos, do Novo Testamento, sem ignorar o Velho Testamento em sua totalidade. O Novo Testamento da Bíblia cristã não é aceito pelo judaísmo. Os hebreus não consideram Jesus como Messias. Eles ainda aguardam o Messias.

A Bíblia Cristã é dividida em dois Testamentos: o que precedeu o advento e da paixão de Cristo, isto é, a Lei e os Profetas, é chamado de Velho Testamento. As coisas que foram escritas após a Sua ressurreição são nomeadas Novo Testamento

Os dois não são discordantes. Em ambos há o mesmo testador: Cristo, que, depois de ter sofrido a morte por nós, nos propiciou virmos a ser herdeiros do Seu reino eterno.

## ***4. bar mitzvah e bat mitzvah: aprender sua língua e ler a Tora desde cedo***

“Na Diáspora<sup>4</sup>, a busca de não-assimilação com os costumes gentílicos levou à ênfase na necessidade da educação e alfabetização desde a infância. Na maior parte das comunidades judaicas, o analfabetismo é praticamente inexistente.

---

4 A Diáspora é a desagregação ou êxodo dos membros de uma comunidade que devem deixar sua terra natal. A diáspora judaica se desenvolveu em diferentes etapas históricas

Entende-se cultura como conceituado por Burke (2003), incluindo ao termo atitudes, mentalidades, valores, práticas e representações.

**bar mitzvah** – cerimônia religiosa iniciatória que reconhece um jovem como *bar mitzvah*, menino que, no seu 13º aniversário, atinge a maioridade religiosa, passando a ter a obrigação de cumprir os preceitos religiosos.

Essa cerimônia judaica marca a passagem de um garoto à vida adulta, aos 13 anos. A partir dessa idade, ele assume sua maioridade religiosa e passa a ter responsabilidades perante sua comunidade e suas tradições.

Antes da festa, por período que pode chegar a um ano, o garoto estuda a língua hebraica e a Torá, o livro sagrado do judaísmo. Na cerimônia, ele realiza sua primeira leitura pública desse texto.



**bat mitzvah** – cerimônia religiosa iniciatória que reconhece uma jovem como *bat mitzvah*, menina que, no seu 12º aniversário, atinge a maioridade religiosa, passando a ter a obrigação de cumprir os preceitos religiosos.

Na visão judaica, as mulheres se desenvolvem mais rápido que os homens. As jovens passam a ter o direito de participar da sinagoga e de ler publicamente a Torá.

#### **4.1 Objetivo desses rituais**

O objetivo desses rituais é fazer com que os jovens se aproximem mais de Deus e dos costumes da sua religião, além da maioria religiosa. A ocasião mais importante na vida de um judeu ou uma judia chega quando eles atingem a idade para entrar na aliança com Deus e no compromisso de manter, estudar e praticar todos os mandamentos da Torá. O estímulo ao estudo, à leitura, ao aperfeiçoamento é constante.

#### **4.2 O que é o Talmude**

Enquanto a Torá consiste *nas instruções e leis* seguidas pelos judeus, o Talmude *auxilia na compreensão e interpretação desses ensinamentos*.

A tradição e filosofia judaicas são transmitidas por meio do Talmude, livro que reúne as leis judaicas na forma de histórias e comentários. É um livro judeu composto pelos sermões, debates e discussões entre os rabinos, líderes da religião judaica, quanto aos ensinamentos que eram dados na Torá oral.

O Talmude foi criado porque os ensinamentos eram passados ao povo Judeu através da Torá oral. E ao discutirem sobre essas instruções, os rabinos temiam que o conteúdo dessas conversas se perdessem. Por isso, decidiram escrevê-los, formando o Talmude.

#### **4.3 O Talmude é um registro das discussões rabínicas quanto a Lei, costumes e história judaica**

O código talmúdico é composto por duas partes: a *Mishná* que é um compêndio escrito da Lei Oral judaica; e a *Guemará*, que é, por sua vez, uma discussão da Lei Oral e de temas expostos no *Tanach*. O *Tanach* consiste no conjunto mestre de livros sagrados, o que é o mais próximo do que se denomina *Bíblia Judaica*.

#### 4.4 O conteúdo do Talmude

O Talmude é uma coletânea de livros sagrados dos judeus, *um registro das discussões rabínicas que pertencem à lei judia e ética judaica, aos costumes e história do judaísmo*. É um texto central para o judaísmo rabínico. Wikipédia, a enciclopédia livre

Cita e explica com profundidade todos os 613 mandamentos contidos na Torá Escrita. Essas explicações são feitas a partir da discussão de diferentes opiniões dos rabinos. Esses debates tratam de temas religiosos, comerciais, familiares e sociais e são organizados em perguntas e respostas, *de modo que o aprendizado aconteça por meio do questionamento*.

O Talmude é o livro mais estudado nas *yeshivás*, casas de estudo onde os judeus costumam passar até 15 horas diárias dedicados a leituras e discussões sobre os ensinamentos judaicos. O povo judeu é estimulado a discutir, a debater a partir de questionamentos desde a infância.

*Talmud* deriva-se da palavra hebraica *lamad (damfl)* que significa “ensinar, instruir” ou também “aprender”. O Talmud é o *manancial bibliográfico do judaísmo rabínico, criado durante a era helenística da história judaica*. Não é um único livro, mas uma coleção de livros, lembremos.

Na Diáspora, e nas inúmeras diásporas, a busca de não-assimilação com os costumes gentílicos levaram à ênfase dada à necessidade da educação e alfabetização desde a infância. Na maior parte das comunidades judaicas, o analfabetismo é praticamente inexistente.

Maimônides (1135 – 1204 E.C.) foi um polímata<sup>5</sup> judeu e líder espiritual da comunidade judaica de Fustat, no Egito. Escreveu, dentre outros escritos, a *Epístola sobre a Apostasia*.

---

5 Polímata. Substantivo de dois gêneros: indivíduo que estuda ou que conhece muitas ciências; polígrafo, polímata. lit. “aquele que aprendeu muito”, pessoa cujo conhecimento não está restrito a uma única área, alguém que detém um grande conhecimento em diversos assuntos. Sinônimo: polímato. Etimologia: do grego *polymathês* -- “que aprendeu muitas coisas”. Leonardo da Vinci está entre os maiores polímatas da humanidade, tendo se destacado em campos tão diversos como anatomia, pintura, arquitetura, escultura,

Nela, trata sobre as conversões forçadas, diferenciando aqueles que se convertem voluntariamente daqueles que se convertem buscando a sobrevivência diante de políticas dominantes de intolerância religiosa, conhecidos como *cristão novos*, judeus Seef *sefaradim*. São 613 mandamentos enumerados pelo filósofo, médico, escritor, astrônomo e rabino Maimônides<sup>6</sup>. Fonte de sua derivação: a *Bíblia Hebraica*.

Os escritos de Maimônides suscitaram severos debates, principalmente por não citar suas fontes de referência. Acredita-se que sua tentativa era fortalecer a identidade judaica por reecer que ela fosse abalada diante da convivência com as outras religiões monoteístas e do enfraquecimento das instituições centralizadas de liderança, os gueonim<sup>7</sup>. Para ele manutenção dessa identidade era essencial para garantir da continuidade do Judaísmo nas comunidades judaicas dispersas pelo mundo.

---

matemática e engenharia, entre outros. Também merece destaque como polímata: Ruy Barbosa,

- 6 Maimônides (1135 – 1204 E.C.) foi um polímata judeu e renomado líder espiritual da comunidade judaica de Fustat, no Egito. Dentre vários escritos, Maimônides escreveu a *Epístola sobre a Apostasia*, por volta de 1165 E.C., que consiste numa resposta aos judeus sobre intolerâncias e perseguições. Nela, trata das conversões forçadas, diferenciando aqueles que se convertem voluntariamente daqueles que se convertem buscando a sobrevivência diante de políticas dominantes de intolerância religiosa. <https://periodicos.ufba.br/index.php/rvh/article/view/47901> Foi uma das principais figuras intelectuais do judaísmo medieval e, hoje, é a segunda autoridade no que se refere à Torá. [www.filosofia.com.br](http://www.filosofia.com.br) > historia\_show. Homens como Maimônides mostraram que ter fé não é suspender a razão, mas o contrário: é fazer com que a razão alcance suas maiores conclusões lógicas. *In Só Filosofia. Virtuosa Tecnologia da Informação*. Disponível em <http://www.filosofia.com.br/historia:show.php?id=49.responsavel:arildoluzmarconatto>.
- 7 Gaon em hebraico: גאון; plural Gueonim ou Gaonim, brilho, esplendor, excelência é o nome dado aos presidentes das duas grandes escolas rabínicas: de Sura e de Pumbedita, na Babilônia, do início da Idade Média, nos séculos VII-X d.C., sendo aceitos como autoridades por toda as comunidades da Diáspora. Wikimédia.

A omissão de suas fontes é justificada, acredita-se, unicamente ao seu desejo de brevidade. Lamentava não ter escrito uma obra suplementar citando as fontes em que se baseava. Ele deveria, porém, se as circunstâncias permitissem expiar esse erro, por mais difícil que fosse fazê-lo. Malgrado os estudiosos não terem a possibilidade de verificarem suas declarações, foram obrigados a seguir suas decisões.

Maimônides buscava a conciliação entre a razão e a fé., Apesar de não ser seu principal objetivo. Ele não foi o primeiro nessa tentativa, mas Maimônides provocou sérias disputas internas no Judaísmo medieval, ao tentar conciliar a religião judaica e a filosofia grega. A polêmica gerada em torno dos seus escritos ficou conhecida na história do Judaísmo como *controvérsia maimonidiana*.

## 5. Línguas judaicas

Línguas judaicas são um conjunto de idiomas falados através da história pelo povo judeu, geralmente tendo como base a língua da região onde estavam radicados de onde receberam influência uma vez que foram dispersos (Diáspora) em várias civilizações (diásporas dentro da Diáspora).

O hebraico é normalmente a língua litúrgica do judaísmo usada em sinagogas, na leitura da *Torá*. Enquanto que o aramaico é a língua em que foi escrita o *Talmude* O judeu-árabe é uma forma de hebraico escrito em alfabeto árabe e foi a língua usada para escrever a maioria dos Tratados de Maimônides.

A maioria dos israelenses falam três línguas. Todos os cartazes do país estão escritos em hebraico, árabe e inglês; três idiomas com alfabetos diferentes que refletem a diversidade cultural do ambiente de Jerusalém.

**A maioria dos israelenses fala inglês fluente**, pois as escolas promovem o ensino desse idioma para fortalecer as relações internacionais.

Calcula-se que existem mais de 500.000 falantes de *romeno* em Israel, e é a segunda maior “língua estrangeira” em Israel.

O árabe também era reconhecido como língua oficial. Israel aprovou a lei do *Estado-nação*, que definiu que Israel é a pátria do povo judeu, e rebaixou a língua árabe, que deixou de ser oficial ao lado do hebraico.

Israel tornou-se um Estado exclusivamente judeu. O Hebraico tornou-se o único idioma oficial, enquanto o árabe é classificado como uma categoria “especial”. Jerusalém unificada é considerada a capital do país.

Após Israel retirar o *status* de língua oficial do árabe, ONGs realizam maior aula de árabe do mundo em Tel Aviv.

## 6. O hebraico antigo e moderno

Antes da criação do Estado de Israel, o hebraico era uma língua extinta que tinha deixado de ser usada no século IV. Eliezer Ben-Yehuda (nascido Eliezer Yitzhak Perlman) foi o linguista que reconstruiu a língua hebraica no século XIX, criando o que

conhecemos como o *hebraico moderno*. O hebraico é a única língua morta que ressuscitou e se converteu no idioma oficial de Israel.

Além de ensinar aos jovens, Eliezer queria também ensinar aos adultos, e, por isso passou a publicar seu próprio jornal, HaTzvi, em 1884. Escrito todo em hebraico, continha tópicos de interesse do povo que morava nas Terras de Israel incluindo notícias internacionais e locais, como tempo, moda, etc.

O jornal era também utilizado para introduzir novas palavras, que não existiam no hebraico antigo, entre elas, “jornal”.]

Quando seu filho Ben-Zion Ben-Yehuda, também conhecido como Itamar Ben-Avi, nasceu em 1882, fez sua mulher prometer-lhe que ele cresceria sendo o primeiro menino a falar tudo em hebraico. Essa política domiciliar ficou conhecida como o “hebraico em casa”.

O hebraico mais próximo do que conhecemos hoje vem da época do exílio da Babilônia, onde a tribo de Judá viveu e preservou sua cultura. Os

povos ao redor da Babilônia influenciaram os hebreus em todos os aspectos culturais, incluindo a língua.

Foi nesse contexto que o alfabeto hebraico se modificou. Passa-se a usar o alfabeto aramaico, e é justamente esse o alfabeto hebraico usado até os dias de hoje.

Ben Yehuda conseguiu algo que para muitos era utópico: resgatar o hebraico como língua materna da população judaica do mundo inteiro. Dessa maneira, no começo do século XX, esse idioma, com mais de três mil anos de história, começou a ser usado de novo e se converteu no idioma oficial de Israel. Hoje em dia, mais de oito milhões pessoas no mundo inteiro falam hebraico, uma língua inerente da comunidade judaica.

Outra criação de Ben-Yehuda em prol do desenvolvimento do hebraico foi o *Dicionário Completo do Hebraico Antigo e Moderno*. Ele começou a organizá-lo para uso próprio em Paris, como guia para auto-ajuda, porém concluiu que seria bom publicar a obra para ajudar a todos que tinham o mesmo problema que ele: falta de vocabulário.

O dicionário, de 17 volumes, só pôde ser concluído após sua morte, por sua segunda esposa e seu filho. Consta que esse é, ainda hoje, o único dicionário na lexicografia hebraica. Entre 1881 e 1921, era formada uma massa jovem e fervente de faladores da língua hebraica, com o hebraico como único símbolo do nacionalismo linguístico.

Esse fato foi reconhecido pelas autoridades britânicas, que reconheceram, em 1922, o hebraico como língua oficial dos judeus da Terras de Israel. Um mês depois, Ben-Yehuda faleceu de tuberculose. Antes de morrer, Eliezer escreveu em seu jornal:

“Para tudo é preciso apenas um homem em crise, inteligente e ativo, com iniciativa para devotar toda sua energia nisso, não importando o processo, nem todos os obstáculos no caminho. Em todo novo invento, em todo passo, mesmo o menor deles, o processo necessita ter um pioneiro, quem lidera o caminho sem deixar nenhuma possibilidade de voltar atrás.”

## 7. Língua iídiche

Outras línguas, como o *iídiche* ou *dzhidi*, são usadas em comunidades distintas pelo Mundo. A língua *iídiche* de *Ashkenazi*, judeus da diáspora, é a segunda língua mais falada. A *língua dzhidi ou judeu-persa* é o conjunto de idiomas falados pelos originários do atual Irã, que organizaram comunidades naquela região desde o Império Arquemênida.

A língua iídiche ou ídiche é uma língua de origem indo-européia, pertencente ao subgrupo dos idiomas germânicos, falada predominantemente pelos judeus da Europa Central e Europa Oriental. Pode-se dizer que o *iídiche* é o idioma germânico escrito com caracteres do *alfabeto hebraico moderno* e em sentido oposto ao da escrita ocidental, que é escrita e lida da direita para a esquerda.

Dois grupos principais utilizam atualmente o *iídiche*: judeus ortodoxos no mundo inteiro, especialmente os ultra-ortodoxos (mesmo os residindo em Israel e Nova York), e judeus seculares, de idade avançada ou não, que valorizam suas raízes.

## 8. O desconhecimento de formas primárias de escrita

A respeito da crença de alguns de que Abraão mal sabia ler, Daniel Santos, professor, pesquisador e pastor, em ensaio datado de 06/18/2016, intitulado “Abraão era analfabeto?”, esclarece: “Há muita gente que cultiva inadvertidamente uma impressão errônea das conquistas e habilidades do mundo antigo.”

E acrescenta: “A respeito de Abraão (1870 a.C.), por exemplo, não é raro encontrar aqueles que acham que o patriarca mal sabia ler ou, o que é pior, que a escrita ainda não era parte da sua civilização.”

Apresenta o tablet proto-elamita (abaixo) em *escrita cuneiforme*, a primeira escrita, criada na Suméria (Mesopotâma).



Tablet Proto-Elamita (Museu Britânico ID 00179217001)

“Pasmem, mas aí está um testemunho real da escrita no período proto-elamita (como Neemias e Ester.” 3000 a.C. d.C., mais de 1000 anos antes de Abraão) encontrado na cidade de Susa, local que, muito posteriormente, se tornou o palco para os personagens bíblicos.” afirma Daniel Santos

E acrescenta: “Por essas e outras, vem a concluir, não ter qualquer dificuldade em acreditar que a citação encontrada em (Gênesis 26:5): ‘Abraão obedeceu à minha palavra e guardou os meus mandados, os meus preceitos, os meus estatutos e as minhas leis’ já fosse uma referência a leis escritas em tabletes como esse.”

## 11. Civilização proto-elamita<sup>8</sup>

A civilização proto-elamita é reconhecida como a mais antiga do Irão e foi contemporânea da análoga civilização suméria, a mais antiga do mundo.

---

8 Escrita proto-elamita consiste num sistema de escrita que remonta aos primórdios da Idade do Bronze precursora da antiga língua elamita, antes da introdução da escrita cuneiforme elamita. Civilização proto-elamita - Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.

De acordo com o livro bíblico de Génesis, Abraão, patriarca dos hebreus, residia em *Ur*, era uma das cidades-estado da Suméria, considerada a maior de sua época.

O período proto-elamita ocorreu entre cerca de 3300 e 2800 AEC., quando Susa, mais tarde capital do Elão, começara a receber influências das culturas do provenientes do planalto iraniano. Esta civilização é reconhecida como a mais antiga do Irão e foi contemporânea da análoga civilização suméria, a mais antiga do mundo que remonta à

cerca de 5200 AEC., e que foi a que criou a primeira escrita sistematizada do mundo: *a escrita cuneiforme*, escrita em tabuinhas revestida de argila.

O Tablet acima, em escrita proto-elamita, consiste num sistema de escrita que remonta aos primórdios da Idade do Bronze precursora da antiga língua elamita, antes da introdução da escrita cuneiforme elamita. Como já foi dito, a escrita cuneiforme foi a primeira escrita sistematizada, criada pelos sumérios. Tal escrita veio a ser adotado por outros povos da Mesopotâmia, inclusive, *Ur, cidade-estado onde Abraão residia*.

Na pré-história os povos elamitas estavam ligados culturalmente à Mesopotâmia. Depois de 2234 a.C., sob o domínio da dinastia acádica, adotaram a escrita cuneiforme usada por sumérios e acádios Finalmente, o Elam caiu em poder dos guti, um povo Montanhês, e logo foi submetido pela terceira dinastia de Ur. Só reconquistou a liberdade ao decair o poderio de Ur.

## 12. Cativo da Babilônia – por Me. Cláudio Fernandes<sup>9</sup>

O Cativo da Babilônia, ou Exílio na Babilônia, primeira das suas várias diásporas, ocorrida no século VI a.C. é um dos mais importantes da história da civilização hebraica.

---

9 Cativo da Babilônia. Por Me. Cláudio Fernandes. História do Mundo. In <https://www.historiadomundo.com.br> > Hebreus

Esse fato ocorreu na época em que a cidade da Babilônia (situada na Mesopotâmia, atual Iraque) passou a instituir-se como um poderoso império na região do Oriente Médio sob a pessoa do rei Nabucodonosor II.

Além das fontes arqueológicas, as fontes dos livros históricos e proféticos da Bíblia, como os livros de Daniel, Ezequiel, Jeremias, Neemias e Esdras, são de importância vital para a compreensão dos acontecimentos que marcaram esse momento.

A região da Palestina, considerada, na tradição hebraica (e judaica), como a “Terra

Prometida” na qual foi erguido o Reino de Israel e suas províncias, como Samaria e Judeia, passou a ser alvo da expansão de impérios que se formaram na Mesopotâmia.

Dois impérios principais, o dos assírios e o dos babilônios, fustigaram os hebreus, assim como outros povos na época em que estiveram no poder.

Quando estiveram sob o domínio babilônico, os hebreus sofreram uma deportação

forçada de sua terra natal para os domínios da cidade da Babilônia e lá se tornaram

escravos. Um desses escravos foi o profeta Daniel, cujo livro (Ler na Bíblia cristã) contém detalhes imprescindíveis para a compreensão desse evento.

A primeira grande deportação ocorreu no ano de 598 a.C. Nessa fase, houve o saque do templo de Jerusalém, mas não sua destruição. A destruição do templo ocorreu com a segunda leva de deportações, efetuada em 587 a.C. Ambas foram executadas a mando do então imperador Nabucodonosor II, responsável também por destruir e subjugar o império assírio, que o precedeu.

Os hebreus permaneceram no cativeiro até o ano de 538 a.C., quando Ciro, o Grande, o habilidoso imperador persa, conseguiu controlar toda a região médio-oriental.

Ciro partilhava do ideal de uma política de respeito às culturas dos povos que conquistava e permitiu aos hebreus que retornassem à sua terra de origem e aos seus costumes religiosos.

Foi a partir dessa concessão de Ciro que os hebreus puderam reorganizar-se e, inclusive, reconstruir o templo de Jerusalém, como pode ser consultado em livros bíblicos, como o de Esdras. Veja o que disse o historiador Simon Schama:

“Décadas tinham transcorrido desde que o rei Ciro, em conformidade com a política persa de fazer voltar os deportados e restaurar os cultos locais (esperando obter, com esse favor, a lealdade dos subjugados), autorizou por decretos, ‘no primeiro ano’ (2º Crônicas 36: 22) de seu reinado, o retorno dos israelitas a Yahud, como conta o Livro de Esdras. O jovem príncipe Zorobabel, que alegava provir da antiga linhagem real davídica, fora escolhido para liderar, junto com o sumo sacerdote Yeshua, a volta de alguns milhares de israelitas para Jerusalém.” (SHAMA, 2015, pp.51,52).

### **13. A escolha de judeus cultos, instruídos por Nabucodonosor**

Quando Nabucodonosor, rei da Babilônia, invadiu Jerusalém, levando cativos os hebreus, segundo o relato bíblico, chamou *Aspenaz*, o chefe dos seus eunucos, e ordenou que escolhesse, entre os jovens prisioneiros, israelitas das família real e dos nobres. Todos eles deviam ser cultos e instruídos.

Precisariam aprender a língua e estudar os escritos dos babilônios, a fim de prepará-los para o serviço governamental. Entre os que foram escolhidos estavam Daniel, Hananias, Misael e Azarias. Aspenaz lhes deu outros nomes babilônicos, isto é, Beltessazar, Sadraque, Mesaque e Abednego, respectivamente.

Eles exerceram papel importante na corte, sempre orando ao seu Deus. Fatos importantes referentes a Beltessazar, Sadraque, Mesaque e Abednego, destacaram-nos e foram designados para funções importantes, e, por isso,

vieram a tornar-se motivo de inveja e intriga. Sugerimos a leitura de “Daniel”, na Bíblia cristã, Velho Testamento.

## 14. O Holocausto<sup>10</sup> - há que mencioná-lo

Com grande ascensão econômica e intelectual, no século XIX, vários países começaram a acusar a comunidade judaica de querer dominá-los. Nesse contexto, começaram a surgir ideias de aversão e preconceito contra os judeus: o antissemitismo. Ainda no século XIX, surgiu entre a civilização judaica o desejo de retornar ao seu território de origem, a Palestina, e criar um Estado Judaico nesse território. *Era o ‘Sionismo’*, milhares de judeus retornaram, fugindo do antissemitismo europeu.

No século XX, a comunidade judaica foi vítima de uma das maiores atrocidades da história, o *chamado holocausto*. Instituído pelo líder nazista Adolf Hitler, durante a II Guerra Mundial (1939-1945), *seis milhões de judeus* foram submetidos aos campos de concentração, sendo *torturados e mortos*. Após o término da guerra, o movimento sionista reivindicou à Organização das Nações Unidas (ONU) a criação do Estado de Israel na Palestina.

O Holocausto é como ficou conhecido o genocídio de judeus realizado a comando dos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Pelos judeus, ele é conhecido como *Shoá*, palavra em hebraico que significa *calamidade*.

Ao longo da guerra, os nazistas realizaram ações sistemáticas de extermínio dessa etnia, e o resultado disso foi 6 milhões de pessoas mortas, sem contar os bens que lhes foram roubados, até hoje sendo procurados e devolvidos, uma vez comprovado/reconhecido o direito à propriedade de quem os reivindica.

---

10 <https://www.historiadomundo.com.br/idade-contemporanea/holocausto.htmioma>

## 15. Os Manuscritos de Qumram<sup>11</sup> ou do Mar Morto ou do deserto de Judá

“Não há nada encoberto que não venha a ser revelado, nem oculto que não venha a ser conhecido.” (Lucas 12:2).

Em 1947, beduínos árabes, percorrendo a região montanhosa e árida de Hirbet Qumran, no deserto da Judeia, a 12 quilômetros ao sul de Jericó, em Israel, entraram numa das várias cavernas do lugar e ali se depararam com vasos longos e cilíndricos, que continham manuscritos muito antigos, alguns em estado fragmentário.

Aproximadamente 930 fragmentos de manuscritos hebraicos, aramaicos e gregos foram encontrados em onze cavernas em Qumran, datando de 250 a.C. ao século I da Era Cristã. Um desses documentos – identificado mais tarde – era uma cópia do livro bíblico de Isaías produzida entre 125 e 100 antes de Cristo. *O Grande Pergaminho de Isaías* é um dos cerca de 950 textos diferentes descobertos nas décadas de 1940 e 1950. Ele é diferente de demais textos por ser o único com suas 54 colunas divididas em metades, *escritas em um estilo quase uniforme*.

O achado representou a maior conquista da arqueologia do século 20. A comunidade científica interessou-se, de imediato, pelo achado que tem sido uma fonte de fascínio desde sua descoberta, há cerca de 70 anos.

Os Manuscritos de Qumran ou do Mar Morto foram, sem dúvida, a maior descoberta do milênio passado, tanto para a crítica literária e

---

11 11Limitamo-nos a citar a semelhança dos termos, sem nenhuma intenção ou capacidade sequer de tecer considerações a respeito. Watch Tower Bible and tract Society of Pennsylvania Sociedade de Vigia de Biblias e Tratados. Todos os direitos reservados. 1990—ISBN 85-7392-015-7. Sugerimos a leitura de “Os Manuscritos de Qumran ou do Mar Morto”. *The Qumran Manuscripts or Dead Sea Manuscripts*. de Ildo Perondi, p.209. in <https://www.redalyc.org/pdf/4497/449749237011.pdf>

como para o estudo da Bíblia, uma vez que voltamos a ter acesso a cópias de textos bíblicos da época de Cristo e alguns até dos séculos II-III a.C.

Eles forneceram cópias aproximadamente mil anos mais antigas dos livros do Antigo Testamento, o que contribuiu para a correção e para melhorar as traduções da Bíblia.

“Para se ter uma ideia, até a metade do século passado, trabalhava-se sobre códigos que eram do ano 1008 d.C, já os manuscritos são da época de Jesus ou até anteriores. Não foram encontrados textos do Novo Testamento, mas o conhecimento da comunidade que vivia em Qumran veio confirmar muitos dados contidos no Novo Testamento”, esclarece Perondi.

Os manuscritos que foram encontrados nas onze grutas são escritos, em couro (pergaminho) e papiros, em sua maioria na língua hebraica e alguns poucos em aramaico ou grego. Foram encontrados em torno de 800 documentos.

Alguns são apenas fragmentos de textos. Em geral, os manuscritos encontrados se classificam assim:

A) *Manuscritos Bíblicos*: esses textos são cópias fiéis, que os habitantes da região de Qumran (escritas) transcreveram dos livros do Antigo Testamento (cerca de 225 manuscritos). Do Livro dos Salmos foi encontrado maior número de cópias; o segundo é o Deuteronômio, e o terceiro é Isaías (curiosamente são também esses os três livros mais citados pelo NT). Somente dos livros de Ester e Neemias não foi encontrada nenhuma cópia. (PERONDI p. 209).

B) *Apócrifos* C) *Comentários Bíblicos* D) *Livros da Comunidade*

O exegeta bíblico W. F. Albright (apud Vanderkam, 1997, p. 17-19), quando soube da descoberta dos manuscritos afirmou: “é fácil de perceber que esta nova descoberta revolucionará os estudos neotestamentários e logo renderá superados os manuais que tratam do ambiente do NT, da crítica textual e da interpretação do AT.” (PERONDI, p. 219).

Pesquisadores vasculharam a área, localizada na região noroeste do Mar Morto. Ao longo de nove anos, entre 1947 e 1956, encontraram 930

manuscritos que estavam guardados em 11 cavernas de Qumran. Desses manuscritos, 210 reproduzem livros da Bíblia hebraica, o Antigo Testamento dos cristãos, principalmente os Salmos (36 cópias), o Deuteronômio (32) e o Gênesis (23).

A data em que foram escritos os manuscritos gerou certa controvérsia. Os Manuscritos de Qumran ou do Mar Morto foram submetidos à análise com os métodos mais modernos, como o carbono 14. Hoje, cientificamente pode-se afirmar que os mais antigos foram escritos no século III a.C. e os mais tardios depois do ano 68 d.C. (PERONDI, p.209,210).

Todos os textos já estão publicados e traduzidos, por meio da *Discoveries in the Judaean Desert, da Oxford University Press*, que é a publicação oficial dos manuscritos, *Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor, Curitiba*, v. 3, n. 1, p. 205-219, jan./jun. 2011-2114.

Os documentos foram *datados de entre 250 antes de Cristo e 68 depois de Cristo*. Em sua maior parte, os manuscritos são escritos, em hebraico, mas também em aramaico e em grego.

## **16. A presença de termos e expressões que fazem parte do Novo Testamento**

Em Qumran foram empregados os mesmos termos, seja em relatos jurídicos ou celebrativos. Encontram-se expressões, como: “justiça de Deus”, “pobres em espírito”, “obras da lei”, “Igreja/Assembleia de Deus”, “a sorte dos santos”, “o Senhor do céu e da terra”, etc., que não são encontradas nos textos rabínicos da época “o mistério da iniquidade”; o tema paulino da “justificação pela fé” (cf. Rm 3:21-24; Gl 2: 16); a figura de Melquisedec lembrada na Carta aos Hebreus; a expressão “ele será chamado Filho de Deus” de Lc 1:35-37”; entre outros, também são encontrados nos manuscritos.

Em nenhum dos textos se encontra o nome de Jesus. As últimas análises dos manuscritos, feitas em carbono 14, comprovam que estes são

anteriores ao cristianismo e, portanto, excluem definitivamente as teorias de uma origem zelota<sup>12</sup> ou judeu-cristão dos manuscritos.

Tanto a religião judaica como o cristianismo, foram duas religiões muito perseguidas na História, por isso foi difícil preservar os originais ou cópias antigas dos textos sagrados.

## BIBLIOGRAFIA

BERGER, Klaus. **Qumran e Jesus**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CHAMPLIN, Russell N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Candeia, v. 3. 1991.

COZZER, Roney Ricardo. **Introdução ao Novo Testamento**. Joinville: Faculdade FABRA, 2020.

CRETELLA, Rafael Vivian et alii. Alimentos kosher. **Revista Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, ano V, n. 9, jul. de 2007.

DAYAN Ezra. Peixe casher. In: **Casher na prática – coletânea de leis e costumes ligados à dieta alimentar judaica**. São Paulo: Editora Sêfer. 2006, p. 27-29.

DIMENSTEIN, Gilberto. O segredo da riqueza dos judeus. In: **Folha de São Paulo – Mundo**. São Paulo: 26 jan. 1997.

DIMENSTEIN, Gilberto. Judeus e japoneses são mais inteligentes? **Folha de São Paulo – Cotidiano**. São Paulo: 24 abr. 2005.

---

12 Significa literalmente alguém que zela pelo nome de Deus. A sua origem prende-se ao movimento político judaico do século I que incitou o povo da Judeia a rebelar-se contra o Império Romano e expulsar os romanos pela força das armas, o que levou à primeira guerra judaico-romana (66–70).

CIVITATIS. **Idiomas em Jerusalém - Palavras e expressões úteis.** Disponível em: <https://www.tudosobrejerusalem.com> › idioma

KUNZ, Claiton André. **As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus.** Curitiba: AD Santos Editora, 2014.

LUZA, Nilo. **Etapas da história de Israel – O exílio na Babilônia.** Disponível em: <https://www.paulus.com.br/portal/etapas-da-historia-de-israel-o-exilio-na-babilonia/>

MACARTHUR, John. **Boas Novas.** São José dos Campos: Editora Fiel, 2019.

MARTINEZ, F.G. **Textos de Qumran.** Trad. Valmor da Silva. Petrópolis: Vozes, 1995.

MORAIS, J. **A arte de ler.** Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Ed. da Unesp, 1996.

MORIN, Edgar. **L'esprit du temps.** Paris, Grasset, 1982.

PERONDI, Ildo Os Manuscritos de Qumran ou do Mar Morto. Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral, vol. 3, n. 1, jan-jun, 2011. p. 205-219.

SANTOS, Daniel, professor, pesquisador e pastor, em ensaio datado de 06/18/2016, intitulado “**Abraão era analfabeto?**”, Wikipédia, a enciclopédia livre.

SCHAMA, Simon. **A história dos judeus.** Trad. Donaldson M. Garschagen. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SCHOTTROFF, Luise. **Asparábolas de Jesus: uma nova hermenêutica.** Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: SINODAL, 2007.

TOPEL, Marta F. As leis dietéticas judaicas: um prato cheio para a antropologia. Horizontes Antropológicos. V. 9, n. 19, 2003, p. 203-22.

ZUCK, Roy B. **A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade bíblica.** São Paulo: Vida Nova, 1994.